

### **Contestado e MST: semelhanças e continuidade<sup>2</sup>**

Este trabalho explicita paralelos entre dois movimentos camponeses da história do Brasil: o Contestado e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Em nossa perspectiva, há uma aproximação entre os dois movimentos. Pois, possuem a mesma base de reivindicação: o primeiro através do estabelecimento da monarquia religiosa e o outro, atualmente agindo através de setores mais abrangentes (mídia, ocupação de massa, em âmbito jurídico, educação, teatro, políticas de gênero, questões ambientais, dentre outros). Entendemos que o atual MST, articula em linguagem religiosa os seus propósitos políticos. Assim, retoma movimentos antecedentes, dentre esses, o Contestado, fazendo uso desse capital cultural para colocar-se num privilegiado lugar de continuidade histórica. Essa estratégia junta à personalidade dos militantes um acervo de informação que engendra sistemas simbólicos, nos quais os adeptos, mesmo procedentes de grupos sociais e religiosos diferenciados, passam a compartilhar de uma mesma linguagem militante. Essa linguagem favorece a construção de representações, comuns entre os mesmos, que embasa e revigora a reivindicação do MST.

**Palavras chaves:** MST, Contestado, símbolos religiosos.

No decorrer desse texto apresentaremos pontos semelhantes que aproximam o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e o Contestado. Em nossa perspectiva, há uma aproximação entre os dois movimentos. Pois, possuem a mesma base de reivindicação: o Contestado por meio do estabelecimento da monarquia religiosa e o MST, atualmente agindo através de setores mais abrangentes - mídia, ocupação de massa, em âmbito jurídico, educação, teatro, políticas de gênero, questões ambientais, dentre outros -. Percebe-se explicitamente que concepções religiosas fundamentaram as reivindicações destes movimentos cujas intenções permeavam, e ainda permeia, a questão da posse da terra.

Destacamos a hipótese de que o MST em seu discurso procura aproximações com o Contestado e com esse método hermenêutico procura se apresentar como herdeiro privilegiado dessa luta que julga histórica e justa. Além disto, o MST assume caráter religioso em diversos de seus atos como fato agregador da força militante. Isso ocorre principalmente ao se colocar como movimento instaurador de uma ordem semelhante à pregada pela Bíblia. Nesse caso, o MST cria uma afinidade com os movimentos religiosos de raiz cristã de tipo pentecostal ou católico romano popular, tal como os movimentos camponeses anteriores também o fizeram.

---

<sup>1</sup> O autor é estudante do curso de Bel. em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco. E-mail: [fabio\\_al@yahoo.com.br](mailto:fabio_al@yahoo.com.br).

<sup>2</sup> Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

Para discorrer sobre religião e sua função nos movimentos sociais, devemos em primeiro lugar definir o pólo “religião”. Partimos de Clifford Geertz, que entende religião como uma estrutura de significado por meio da qual o ser humano dá forma às suas experiências.<sup>3</sup> Assim, religião constitui-se numa lente utilizada pelo ser humano através da qual se interpreta o mundo e se concebe a sua inserção nele.

No que se refere ao papel da religião na legitimação ou deslegitimação de qualquer movimento social, seja ele reacionário ou contestatório da ordem política e social hegemônica, concordamos com Shepard Forman que a religião se desenvolveu numa dupla faceta. Na medida em que ora ela se alia à estrutura de poder e consolida o seu discurso, funcionando dessa maneira como ópio; ora ela é usada como mecanismo de motivação para protestos sociais que exigem mudança das estruturas.<sup>4</sup> Dessa maneira, no Brasil, que não raro teve sua história marcada pela insurreição de movimentos camponeses, a religião sempre ocupou um significativo espaço na formação de ideologia e consolidação de protestos.

Houve na história do Brasil vários movimentos religiosos de cunho messiânico e milenarista, que direcionaram as esperanças de seus membros para a posse livre da terra pelo *povo prometido*. Dentre esses, destacamos os Muckers (1866-1874), Canudos (1893-1897) e o Contestado (1912-1916). Outra importante categoria necessária para entendimento dos movimentos messiânicos foi as condições sociais nas quais houve levantes de movimentos religiosos. A formação social das regiões se colocava como elemento salutar na formação do imaginário messiânico.

Lísias Nogueira Negrão definiu “movimento messiânico” como a crença em um salvador que instaurará uma nova ordem de justiça, contrastando com a ordem posta que é vista como iníqua e opressora.<sup>5</sup> Assim, Negrão, quando fala em movimento messiânico, refere-se à atuação coletiva de um povo ou um grupo social em particular, que expresse o anseio de mudança social, conduzidos por valores religiosos. Maria Isaura Pereira de Queiroz também desenvolve conceito semelhante. Com mais detalhes, ela estabelece as diferenças entre os termos “messias” e “messianismo”. O messias, na perspectiva de Queiroz, é aquele em quem está projetado as expectativas de um grupo sobre o rompimento da ordem posta e vontade de instaurar uma era de felicidade terrestre. A crença no surgimento de uma personalidade dotada de tais características, se constitui o termo messianismo. Entretanto, Querioz observou que há crenças messiânicas que não se concretizam como movimentos.

---

<sup>3</sup> GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989, p. 67.

<sup>4</sup> FORMAN, Shepard. *Camponeses: sua participação no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 269.

<sup>5</sup> NEGRÃO, Lísias Nogueira. *Revisitando o messianismo no Brasil e profetizando o seu futuro*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v16n46/a06v1646.pdf>, acesso em: 10 jan. 2007.

Dessa maneira, caberia outra definição para o termo. Assim, mais precisamente, messianismo é definido como os anseios de um povo numa fase de “espera messiânica”.<sup>6</sup>

Há uma profunda semelhança entre as condições que favoreceram o aparecimento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) na contemporaneidade e o ajuntamento de caboclos em redutos, em Santa Catarina, no começo do século XX. Aqueles camponeses também direcionaram suas reivindicações para a posse da terra e encontrou, no discurso emocional-religioso, o fio condutor que expressava suas necessidades. Portanto, conhecer os protagonistas dos movimentos que marcaram e tem marcado a história camponesa do Brasil faz-se necessário, principalmente ao percebermos que a força propulsora está no locus do sagrado e na manipulação dos símbolos religiosos.<sup>7</sup>

O MST é um movimento laico com expressão religiosa. Os seus rituais, embora sejam compostos de elementos religiosos, constituem uma estratégia para legitimar-se diante do povo.<sup>8</sup> Os dirigentes do MST adotam como método pedagógico, nas assembleias, ocupações, reuniões com os militantes, o potencial que os cânticos possuem de criar imagens e representações, que veiculam a personalidade militante como uma energia poderosa para consolidação do protesto. A ideologia do movimento está sempre presente nas letras, afirmando os problemas existenciais que acometem a “massa” que se sente atingida por um sistema político e econômico que sustenta a desigualdade da vida social.<sup>9</sup> O próprio João Pedro Stédile afirma que o termo *massa* se constitui numa estratégia de organização do movimento no imaginário militante, pois ele confere à multidão o sentido de unidade de causa, superando as barreiras do individualismo.<sup>10</sup> Bem como o discurso religioso é uma ferramenta ideológica para conservação do capital humano nos processos de resistência ao latifúndio.

A religião está presente desde a gênese do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). A origem deste movimento está intimamente ligada às comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e à

---

<sup>6</sup> QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. *O messianismo no Brasil e no Mundo*. 2º ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1977, p. 46.

<sup>7</sup> ALCÂNTARA, Maria de Lourdes Beldi de; JUSTUS, Marcelo. *O movimento dos sem terra: uma análise do discurso religioso*. Ver eletrônica: Imaginário, USP. São Paulo, 2º semestre de 2006. disponível em: [http://www.imaginario.com.br/artigo/a0061\\_a0090/a0064.shtml](http://www.imaginario.com.br/artigo/a0061_a0090/a0064.shtml), acesso em 15 dez. 2006.

<sup>8</sup> ARRUDA, Roldão. MST promove saques, invasões e fecha estradas em nove Estados. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 18 de abril, 2006, caderno A, p.4.

<sup>9</sup> Para Maria de Lourdes Beldi de Alcântara e Marcelo Justus, há uma ênfase na organização de que deve ser um “movimento de massa”, tanto que o setor responsável pela organização das ocupações é chamado de Frente de Massas. Isso sugere que o movimento pretende transcender as dimensões individuais de protesto e assumir-se enquanto movimento comunitário e corporativo. *O movimento dos Sem-Terra: uma análise do discurso religioso*. Disponível em: [http://www.imaginario.com.br/artigo/a0061\\_a0090/a0064.shtml](http://www.imaginario.com.br/artigo/a0061_a0090/a0064.shtml), acesso em: 15 dez. 2006.

<sup>10</sup> STEDILE, João Pedro; FERNANDES, Bernardo Mançano. *Brava Gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999, p. 115.

Comissão Pastoral da Terra (CPTs), cuja fonte de reflexão surge no seio da Teologia da Libertação, de origem católica.<sup>11</sup>

Por isso, as CEBs significaram para o cidadão comum o espaço de construção simbólica e interpretação religiosa da realidade. Dessa maneira, eles conceberam sua inserção no mundo e perceberem-se como agentes responsáveis pela construção da sociedade da qual participavam. Nas CEBs, estudava-se a Bíblia de forma peculiar, pois o texto era contextualizado para a realidade na qual os camponeses sem terra estavam submetidos. Havia uma identificação especial com o livro do Êxodo.

O Êxodo bíblico nos mostra a construção do homem por ele mesmo na luta política histórica. Torna-se assim, o modelo de uma salvação não-individual e privada, mas comunitária e pública, na qual o que está em jogo não é a alma do indivíduo enquanto tal, mas a redenção e a libertação de todo um povo escravizado. O pobre, nessa perspectiva, não é mais objeto de piedade ou de caridade, mas, como os escravos hebreus, o ator de sua própria libertação.<sup>12</sup>

Desse modo, as pessoas faziam uma identificação de suas vidas enquanto trabalhador camponês com o povo hebreu. Por aquela ótica, ambos foram expropriados do direito de uma vida digna, sendo escravizados pelos detentores do poder. Essa metodologia pedagógica foi eficiente, pois engendrava nos camponeses uma reivindicação movida profundamente pela convicção do ato. Ora, esse fato é importante para entendermos como o discurso revolucionário do MST se alimenta das condições reais de existência do militante.

Ora, esse discurso é suficiente para se perceber os fundamentos messiânicos que o MST emprega em sua política de conquista de militantes, assim como para o revigoração dos que já nele militam. Podemos aqui usar as palavras de Eduardo Hoornaert quando analisa o movimento messiânico de Canudos, ao fazer referência a uma frase de ordem que impulsionou aquela grande comunidade: um “sonho cresce na medida da privação”.<sup>13</sup>

Dentre os movimentos que mostram esse relacionamento com a religião, enquanto cadeia de símbolos correlacionados com a autonomia da terra, está o Contestado (1912-1916).<sup>14</sup> Quando se fala em Contestado, refere-se diretamente a uma região que estava em

---

<sup>11</sup> MACHADO, *Op. cit.* p.7.

<sup>12</sup> LÖWI, Michel. In: MARTINS, *Op. cit.* p. 54.

<sup>13</sup> HOORNAERT, Eduardo. *O sonho dos espaços sagrados*. São Paulo: Cadernos Mais, *Folha de São Paulo*, 21/09/1997, p. 6.

<sup>14</sup> O contestado foi uma região localizada entre os estados do Paraná e Santa Catarina. Região que estava em litígio e que, portanto, não era alvo de investimentos por parte de nenhum dos dois estados. Nessa região, havia vários grupos que exploravam as riquezas naturais e controlavam o comércio de madeira e ervas. Também estava explícito o interesse de famílias que comandavam politicamente todas as atividades dos moradores e por fim despontaram interesses religiosos que comandavam os comportamentos dos caboclos. Sobre a constituição da região, segundo Duglas Teixeira Monteiro, era comandada por famílias que receberam cartas de sesmarias. A relação com os camponeses que trabalhavam em suas terras acontecia numa instância de violência e ameaça.

litígio entre os Estados de Santa Catarina e Paraná desde meados do século XVIII.<sup>15</sup> Porém no início do século XX, os camponeses foram expropriados do direito de viver em terras que já eram por eles cultivadas há gerações. Esses foram influenciados por líderes religiosos que se apresentavam como portadores de um mandato divino que determinava a construção da “cidade santa”, na região Contestada.<sup>16</sup>

A região ficou conhecida como Contestado desde meados do século XVIII, pela disputa política entre o Paraná e Santa Catarina.<sup>17</sup> A sua formação consistiu de pessoas que tentavam, desde o século XVIII, migrar do Rio Grande do Sul para São Paulo em busca de melhores condições de vida. No século XIX, algumas cidades haviam se desenvolvido basicamente com pessoas vindas do Rio Grande do Sul que construíram pequenas vilas que receberam mais tarde o status de cidade. Suas estruturas sociais e culturais eram perpassadas pelo latifúndio, violência e apadrinhamento.<sup>18</sup>

Um fator que fez com que afluíssem pessoas para afixar residência na região foi a construção da estrada de ferro que ligaria o sul aos centros urbanos (1889). No caso, a estrada de ferro iria do Rio Grande do Sul até São Paulo. Várias empresas atuaram na construção do trecho dessa ferrovia e a mesma demorou mais de 15 anos para ficar pronta. Para construí-la, as empresas contrataram trabalhadores que provinham de outros estados. Também no final do século XIX e começo do século XX apareceram nos dois referidos estados companhias de exploração de madeira. Outras empresas também receberam grandes extensões de terra, expulsando os moradores.<sup>19</sup> Em 1908, a Brazil Railway Company recebeu a concessão para construir a estrada de ferro no trecho entre União de Vitória e Marcelino Ramos. Como pagamento, aceitou 15 km de terra de cada lado da estrada. Isso na prática significou a expulsão dos antigos moradores.<sup>20</sup> Também houve a Southern Brazil Lumber, empresa madeireira que prejudicou a sobrevivência das serralherias.

O aumento de empresas estrangeiras e a migração de trabalhadores de outras regiões do país para aquela região fomentaram o aumento da pobreza, com alto índice de desemprego de trabalhadores braçais. Tais fatores foram determinantes para o fortalecimento da estrutura

---

Tais oligarquias obtiveram ainda maior poder com o advento da república, pois seus membros tornaram-se os prefeitos das cidades. MONTEIRO, (a) *Op. cit.* p.24.

<sup>15</sup> BOEING, Antônio. *Em nome da ordem: o papel dos agentes da religião católica institucionalizada durante o movimento e guerra do Contestado entre 1912-1916*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. São Bernardo do Campo: UESP, 2004, p. 9.

<sup>16</sup> QUEIROZ, *Op. cit.* p. 269/270.

<sup>17</sup> BOEING, *Op. cit.* p. 9.

<sup>18</sup> Brasil Republica. *A guerra do contestado*. História Net: a nossa história. Disponível em: <http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=143>, acesso em 16 out. 2006.

<sup>19</sup> BOEING, *Op. cit.* p. 59.

<sup>20</sup> Id. Ibid. p. 60.

fundiária e sua rígida imposição sobre a vida social. As relações entre coronéis e trabalhadores era precária.<sup>21</sup>

Foi assim que, com imensas extensões de terras concedidas às empresas e a expulsão arbitrárias dos posseiros, incluindo-se aí também pequenos proprietários de terra, criou-se um clima de angústia e incerteza. Alimentou-se a ânsia de justiça nos camponeses, que se lançaram na chamada Guerra do Contestado. Estavam postas as condições para um encantamento e vigor para voltar-se contra a injustiça sofrida por eles. É quando surgem os movimentos religiosos com aspectos messiânico-milenaristas. Para Maria Isaura Pereira de Queiroz,<sup>22</sup> toda a zona contestada se tornou terreno fértil para o aparecimento de profetas e messias, os quais receberam o nome de *monges*, embora fossem leigos e não reconhecidos pela Igreja Católica. No dizer de Duglas Teixeira Monteiro, na fase do desencantamento, surge o reencantamento do mundo.<sup>23</sup> O termo reencantamento é o retorno à percepção do mundo a partir de algo que vislumbra e atrai. Desencantamento portanto, é uma desilusão pessoal com as estruturas do mundo.<sup>24</sup> Os pregadores, que se denominavam monges, conclamaram os sertanejos a estabelecerem redutos nos quais estariam a salvo graças à proteção de Carlos Magno e dos doze pares de França.<sup>25</sup>

Finalmente essas organizações soavam como ameaça aos governos tanto de Santa Catarina quanto do Paraná, fato que culminou na intervenção do exército brasileiro contra camponeses munidos mais de esperanças religiosas do que de armamentos. Segundo pesquisas, no intenso conflito entre os anos de 1912 a 1916 foram mortos no confronto mais de seis mil pessoas tendo sido feridos mais de 10 mil.<sup>26</sup> E o contingente que seguiu para o confronto ocorrido durante os anos iniciais do século XIX correspondia à metade do exército da época. E esse foi o primeiro conflito no país com uso de avião no bombardeio em rebeldes.

Para além de uma questão agrária ou de exclusão social, como coloca Boenig, as pessoas procuravam tais redutos por correr a fama de que, por ali, se vivia uma vida santa. Constantes novenas, rituais, celebrações e a busca de uma graças, como a cura e batismo dos filhos. As festividades serviram de atrativo para os sertanejos que viviam uma vida

---

<sup>21</sup> Boenig, ao referir-se aos trabalhadores rurais sempre usa o termo “caboclos”. Segundo o dicionário Michaelis, o verbete refere-se a caipira, sertanejo ou roceiro. (p.376).

<sup>22</sup> QUEIROZ, *Op. cit.* p. 268.

<sup>23</sup> MONTEIRO, *Op. cit.* p. 106.

<sup>24</sup> PIERUCCI, Antônio Flávio. *O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber*. São Paulo: Editora 34, 2003, p. 32, 34.

<sup>25</sup> Queiroz destaca que havia uma crença no retorno do exército encantado de Carlos Magno. Tal crença se propagava pela leitura do livro “As Aventuras de Carlos Magno”. Os sertanejos da região contestada se autodenominaram *pelados*; e os que não faziam parte dos redutos foram chamados *peludos* tinham um exército de 24 homens, chamados de 12 Pares de França, que cuidavam da *cidade santa* e vigiavam o templo. QUEIROZ, *Op. cit.* p. 275.

<sup>26</sup> BOEING, *Op. cit.* p.10.

monótona.<sup>27</sup> Eles de fato acreditavam que estavam lutando numa guerra santa e esperavam a ressurreição iminente do monge.

Podemos encontrar paralelo entre o movimento messiânico do Contestado e o MST: ambos são movimentos de massa. O Contestado, com a crença no retorno do exército encantado de Carlos Magno e João Maria, iria travar uma guerra santa e estabelecer a monarquia. Dessa forma o reduto se tornava não só o local de refúgio, mas o centro do mundo. O MST não espera necessariamente o surgimento de um redentor, mas resgata personalidades políticas e míticas e com isso tenta conscientizar os militantes da potencialidade de transformação de que são capazes. Frisemos novamente, os dois movimentos potencializam a ação dos sujeitos, que, em tese, realizam toda mudança necessária na construção do mundo de justiça e de equidade que ambos anseiam. Embora o Contestado tenha sempre encontrado pessoas sucessivas colocadas, cada um em sua época, como o emissário e salvador da condição social à qual estiveram submetidos; o MST resgata a história de personalidades políticas e mistifica-a na ação da coletividade.

Para Eliane Domingues é possível pensar numa maior ou menor estabilidade das massas de acordo com as características que elas apresentem: quando há um líder que representa a possível salvação desejada pelo grupo social, há menos estabilidade, pois dada a morte desse líder, há grandes possibilidades do movimento se dissolver, já que ele “possibilita os vínculos libidinais na massa”. No caso do líder assumir papel secundário no movimento, esse o caso do MST, ele representa uma idéia que constantemente é repassada a sua direção a outro líder, porém a ideologia do movimento perdura, já que “é a idéia que possibilita os vínculos entre os membros”.<sup>28</sup>

Para Peter Berger<sup>29</sup> a sociedade é criada pelos indivíduos, mas, uma vez criada, passa a retroagir sobre eles. A sociedade organiza o cosmo e desenvolve estruturas que dão plausibilidade aos atos dos indivíduos. A religião ocupa um papel importante nessa atividade normatizadora da vida. Segundo Berger o cosmo sagrado emerge do caos e subsiste à medida que o contraria. Daí entende-se porque foi tão propício desenvolverem-se aspectos religiosos entre grupos de camponeses. No MST, percebemos que a religião é a tentativa de romper com a ordem esmagadora da qual se sentem vítima, e relocar-se no mundo, dessa vez organizados por valores sagrados dando, um sentido completo para suas vidas. Berger assim comenta: “o

---

<sup>27</sup> Assim comenta Monteiro: “vários cronistas e, até mesmo, um depoente, ex-jagunço, assinalam que a vila santa era um lugar que atraía a juventude que ‘gosta muito de barulho, de reunião’”. Outros chamam atenção para a tendência sempre presente entre os irmãos de, a qualquer pretexto, manifestar seu júbilo descarregando as armas para o alto. MONTEIRO, *Op. cit.* p. 133.

<sup>28</sup> DOMINGUES, Eliane. *Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, Contestado e Canudos: algumas reflexões sobre a religiosidade*. Revista Memorandum, nº 8, 2005, p. 38-51. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos08/domingues01.htm>. Acesso em, 15 dez. 2006.

<sup>29</sup> BERGER, *Op. cit.* p. 26.



cosmos sagrado, que transcende e inclui o homem na sua ordenação da realidade, fornece o supremo escudo do homem contra o terror da anomia.”<sup>30</sup>

Essa característica da religião explica a busca dos fundamentos religiosos nos movimentos sociais. Isso é perceptível em particular no MST tanto por parte de sua liderança quanto entre os militantes de base. É a linguagem religiosa que absolutiza o protesto, traz convicção aos atores e organiza os seus sentimentos de forma que labutam insistentemente por uma nominação da sociedade na qual se sintam incluídos e possam ter acesso ao mundo externo dialogando simetricamente com o mundo interior.<sup>31</sup>

### Referências bibliográficas

ALCÂNTARA, Maria de Lourdes Beldi de; JUSTUS, Marcelo. *O movimento dos sem terra: uma análise do discurso religioso*. Ver eletrônica: Imaginário, USP. São Paulo, 2º semestre de 2006. disponível em: [http://www.imaginario.com.br/artigo/a0061\\_a0090/a0064.shtml](http://www.imaginario.com.br/artigo/a0061_a0090/a0064.shtml), acesso em 15 dez. 2006.

ARRUDA, Roldão. MST promove saques, invasões e fecha estradas em nove Estados. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 18 de abril, 2006, caderno A, p.4.

BOEING, Antônio. *Em nome da ordem: o papel dos agentes da religião católica institucionalizada durante o movimento e guerra do Contestado entre 1912-1916*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. São Bernardo do Campo: UMEP, 2004.

DOMINGUES, Eliane. *Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, Contestado e Canudos: algumas reflexões sobre a religiosidade*. Revista Memorandum, nº 8, 2005, p. 38-51. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos08/domingues01.htm>. Acesso em, 15 dez. 2006.

FORMAN, Shepard. *Camponeses: sua participação no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

HOORNAERT, Eduardo. *O sonho dos espaços sagrados*. São Paulo: Cadernos Mais, *Folha de São Paulo*, 21/09/1997.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. *Revisitando o messianismo no Brasil e profetizando o seu futuro*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v16n46/a06v1646.pdf>, acesso em: 10 jan. 2007.

PIERUCCI, Antônio Flávio. *O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber*. São Paulo: Editora 34, 2003.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. *O messianismo no Brasil e no Mundo*. 2º ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1977.

---

<sup>30</sup> Id. Ibid. p. 40.

<sup>31</sup> Id. p. 36.



STEDILE, João Pedro; FERNANDES, Bernardo Mançano. *Brava Gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.